

# O ECHO DO RIO,

## Jornal Politico e Litterario.

Parcite verbis.

HORAT. AD ROM.



Publica-se as quartas feiras e sabbados, na typ. Imparcial de F. de Paula Brito, praça da Constituição n. 64, onde se subscreve a 4000 réis por semestre, pagos adiantados, e vendem-se numeros avulsos a 80 réis; nas lojas do costume.

### O ECHO DO RIO.

O dia sete de setembro tornou a raiar no horizonte, e os Brasileiros o festejaram como deviam. É uma grande epocha aquella de que data a independencia de uma nação: é o dia de seu nascimento, o dia de sua existencia; por que até ali existiram os homens, que a compoem, mas viviam presos por outras cadeias: ella ainda não vivia. O dia 7 de março de 1808 já nos tinha elevado muito; já então começamos a dar signaes ao mundo, de que havia nelle um lugar chamado Brasil, que se carecia dos braços, que abundam em tantos outros logares, no mais nada tinha que invejar ás mais felizes riuozas da terra. O dia 7 de março de 1808 trouxe a familia real para o Brasil, e fez do Rio de Janeiro a corte dos estados portuguezes; mas esse dia não nos fez Brasileiros; continuamos a ser o que d'antes eramos.

Mas o dia 7 de março de 1808 trouxe ao Brasil a familia real portugueza: com a rainha e o principe regente vinha o filho deste herdeiro da corôa, o principe da Beira, o Sr. D. Pedro de Alcantara; e o Sr. D. Pedro de Alcantara em 7 de setembro de 1822 elevou o Brasil á cathedra, que a natureza lhe marcou: elevou-nos a nós todos, que de portuguezes passámos a ser Brasileiros. Foi no dia 7 de setembro de 1822, que esse glorioso principe soltou o brado da Independencia nacional. Desde esse dia fomos nação, fomos livres, fomos independentes! Bem mal lhe pagámos nós tantos beneficios! Pudemos suppôr, que quem tanto tinha feito, seria capaz de trahir-nos! Pois tinhamos provas mais que bastantes para o podermos avaliar. Desconhecemol-o. Mas elle sempre grande, preferiu desterrar-se a derramar sangue e excitar discordias, preferiu separar-se de seus queridos filhos, e ir reconquistar o throno de sua filha usurpado traçoicamente: preferiu a corôa ducal á imperial para mostrar aos Brasileiros, que o homem de 1822 era o mesmo em 1831. Esse principe teve defeitos; mas não devemos ser nós, que lh'os afecemos: fomos-lhe devidores de muito, e pagamos-lh'o com negra ingratição:

fizemos-lhe a injúria de o suppôr egoista, que preferia o seu ao publico interesse: fizemos-lhe a injúria de o suppôr tão mentecapto que não soubesse que o bem do Brasil era o seu! E elle vingou-se de nós deixando-nos seu filho, o unico fiador de nossa existencia. Mas como poderia querer que morresse-mos aquelle, que nos deu vida!

Foi em 7 de setembro de 1822 que foi solto esse magestoso brado—INDEPENDENCIA OU MORTE. — E a independencia nos conquistou, e nos deixou: não morremos, não; ficamos livres. E o que fizemos dessa Independencia? para que nos tem ella servido?

Sim: o que temos feito desta Independencia? De certo que a não temos aproveitado como deviamos: de certo que o Brasil está mui longe d'onde devia estar. Nossos campos ainda estão despovoados, por que desgraçadamente meia duzia de estouvados tem-se lembrado de espalhar a desconfiança por entre os estrangeiros, e sobre tudo por entre aquelles, que mais sympathias mostram por nós e nosso paiz: o primeiro signal dos movimentos, a que se tem querido dar côr politica, e que só tem partido de mesquinhos interesses offendidos, é um zum zum contra os estrangeiros em geral, contra os portuguezes em particular. E isto desanima a aquelles que buscam nossas prias; afugenta-nos braços e dinheiro, por que muitos, que ousam ficar por algum tempo, retiram-se em tendo ajuntado algum pequeno capital. Nossos campos estão despovoados, porque em vez de cuidarmos em roteal-os e plantal-os, occupamos-nos em oppor-nos a execução das leis, em proclamar miseraveis republicas: em vez de cuidarmos em applicar nos melhoramentos intellectuaes e materiaes as nossas rendas publicas, occupamos-nos em fazer ruscãs para se gastarem os poucos recursos de que ainda podemos dispôr. A guerra civil tem lavrado desde o norte ao sul, desde o oriente ao occidente, sem se saber por quem nem para que, ou por motivos tao absurdos, que até é vergonha expendel-os. Que quizeram os homens do Pará e Maranhão? roubar e matar. O que quizeram os da Bahia? diriam que a sua indepen-

dencia. O que quizeram os de S. Paulo e Minas? que não fossem executadas duas leis, e que fosse nomeado ministerio a seu geito. O que querem ainda hoje os do Rio Grande? Subtrahir-se ao governo do Sr. D. Pedro 2.º para se entregarem ao de Bento Gonsalves. Digam francamente: tem havido até hoje motivo, já não diremos justo, mas ao menos serio, para essas continuadas rebelioes, sedições, ou o que lhe queiram chamar?

O que temos feito da Independencia? Onde estão os melhoramentos provenientes da associação? por que os ha, mas por que alguns individuos com muitos esforços os tem obtido: mas essas grandes emprezas, que só podem existir protegidas pela poderosa mão da nação, onde estão? que proveitos nos tem dado?

O que temos feito da Independencia? De ricos, que eramos, estamos pobres!

Era tempo de emendar a mão: era tempo de cuidar em pagar as nossas dividas, e augmentar nossos rendimentos: era tempo de curarmos seriamente dos meios precisos. Querel-o-hemos? Reconhecel-o-hemos? Duvidamos: ao menos as apparencias não o dão a entender.

#### O ORÇAMENTO NO SENADO.

A algumas pessoas temos ouvido perguntar admiradas, qual será a razão por que a opposição do senado tem deixado passar o orçamento apenas com algumas reflexões do Sr. Paula e Sousa? A resposta é facilissima: é por a opposição do senado, não é o que muita gente pensa: reduz-se a mui poucos individuos, e estes nem por isso (salvas honrosas excepções) são dos que tiram a barra mais longe. A opposição do senado reduz-se a alguns individuos, que choram pelos principios combatidos e vencidos em Santa Luzia, e alguns outros, que nunca poderão estar bem com governo algum. Ora, uns e outros são em mui pequeno numero, e raro será o senador verdadeiramente opposicionista, que não esteja em algum destes dous casos; por que nunca diremos da opposição um representante da nação, que uma ou outra vez deixa de votar com o ministerio: opposicionista é aquelle que em tudo vota contra o ministerio: é o Sr. Paula e Sousa.

Por que os senadores accusados reuniram alguns votos mais em seu favor, não se segue que a opposição seja mais numerosa. A questão do julgamento nunca foi nem podia ser questão de gabinete: nunca o foi por que os ministros assim o declararam desde o principio della: nunca o podia ser, por que nunca é possível suppor que o gabinete quizesse fazer uma questão sua de um julgamento criminal. Uma sentença condemnatoria depende da prova dos factos criminosos; não se obtém pelo principio da confiança: e o gabinete não pôde advinhar qual seria a defeza dos réos e nem mesmo o peso que as provas poderiam merecer aos juizes. Se se tratasse de uma medida politica, podia dar-se que da sua

concessão o gabinete fizesse depender a sua conservação: por exemplo, se fosse o gabinete pedir ás camaras autoridade para deportar algum de seus membros: então tratava-se de uma medida de salvação publica; tratava-se de confiança; e as camaras podiam negar ou dar essa autorisação, segundo a julgasse conveniente ou não: mas em julgamentos definitivos, e quando se trata de impôr penas, são outros os principios, que regulam.

Considerações muito alheas da politica influem nos animos de alguns juizes; e por isso não é de espantar vê-los em um processo votar e mesmo fallar de um modo, quando em these fallariam e votariam de outro. E a prova de que isto se verifica actualmente em o nosso senado, é a pouca ou nenhuma discussão, que tem havido sobre as leis annuas, leis verdadeiramente de confiança. A opposição não se tem empenhado na sua discussão.

E sirvam estas reflexões para desenganar muita gente prevenida. Cuidam já alguns que cedo teremos um ministerio organizado no senado, e isto pelo principio de que facilmente acreditamos, o que desejamos; mas desenganem-se; mesmo no senado não seria por em quanto possível organizar outro qualquer ministerio, que tivesse maioria. Se a opposição tivesse forças bastantes, teria empenhado combates, teria disputado o terreno a palmas.

#### UNIVERSIDADE.

Pensa o Nacional, que abandonou o ministerio a ideia da criação de uma universidade no Brasil: está enganado: o gabinete viu o tempo, que faltava de sessão, e conhecendo a impossibilidade de fazer passar este anno semelhante lei, e que outras ha mais immediatamente necessarias, disse que duvida nenhuma teria, em que a discussão ficasse para o anno. Talvez então já estes ministros não estejam no poder; quem sabe as voltas que o mundo tem de dar? mas assim mesmo ha de apoiar o projecto. Não são elles como outros, que tendo proposto uma lei criando um concelho d'estado, depois que desceram do poder se oppozeram a uma lei igual. Não: os homens que hoje occupam a administração tem mais character; o bem publico os dirige, e não considerações pessoais.

Querem saber para que serve uma universidade? Ha ahí um collegio, onde ha um professor, que prega aos meninos, que daqui a cincoenta annos será o reinado da igualdade e communião universal: não ha de haver mais differença entre o meu e o teu. Isto faz rir a homens, mas em crianças pôde ter outro effeito. Para que se não de elles costumiar a trabalhar, se daqui a cincoenta annos tudo ha de ser commum? E quem indaga destas cousas? por que se não ha de pôr cobro a um mal, que tanta influencia pôde vir a ter? Mas a opposição não quer saber de nada disso: consiga ella o poder, e sejam os meios e as consequencias quaes forem.

Havemos de sentir, que não esteja no poder o

gabinete actual ou outro, que se lhe assemelhe, e que esteja algum da opposição, quando tiver de ser creada a universidade, que ha de ser creada: mas subem a razão do nosso pezar? E' por que se o ministerio de então fôr da opposição actual, temos a certeza de que as escollias e nomeações serão pessimas. Quêrem-o mais claro? Avaliamos do futuro pelo passado; estamos tão escaldados, que temos susto de tudo. Ainda nos lembram os dias aziagos, em que essa gente esteve no poder; ainda nos lembra como parece que de proposito se andava ali cantando quanto era máo para ser empregado publico. Ora, o ministerio, que tem de pôr em execução a lei creando uma universidade, terá de aposentar bastantes empregados, e talvez de nomear outros: é pois nesta nomeação, e naquellas aposentadorias, que está o perigo; é ali que temos a certeza de vêr más escollias, se a gente hoje da opposição estiver então no poder.

Todavia asseveramos a esses Srs., que não nos assusta isso muito. O ministerio actual ha de deixar a administração, mas a opposição actual nao ha de tomar conta della em quanto não variar de thema; e então, sabe Deos o que será.

#### REPUBLICANISMO.

Ha por aqui individuos, que maldizem toda e qualquer mostra de civilidade e respeito ao chefe do Estado: tudo para elles é servilismo: são os patriotas da gemma, os republicanos por excellencia os taes, que assim dizem. Nossos leitores hão de estar lembrados da celeuma, que ali se ergueu quando em 1837 se beijou a mão a S. M. o Imperador: cahiu o carmo; fomos tratados de portuguezes, anouros, judeos, chinas, e quanto nome ali alguém suppoz que podia ser injuria; tudo nos foi lançado em rosto. E' verdade, que dois annos depois esses mesmos vivaram folha, e andaram ali de rastos aos pés de S. M. I. para reassumirem o poder, de que tão legitimamente tinham sido desapossados; porem nem por isso poderam fazer que perdessemos a memoria: Deos louvado! de tudo nos recordamos perfeitamente.

Toda esta historia vem á pêlo, pois que temos á vista algumas folhas das republicas visinhas; e vêmos como ali são tratadas as autoridades. Escreve-se a qualquer? o fecho é por este modo: — Deos guarde a preciosissima e importantissima vida de V.... Trata-se de um mez do anno? Da-se-lhe logo o nome de certo individuo; e assim o mez de outubro em Buenos-Ayres é o mez de Rosas. Trata-se de um presidente? é o illustre restaurador das leis, o heróe do deserto, o defensor da independencia (que por ninguem é atacada) e quanto ali pôde conceber a imaginação mais oriental. Oh! isso sim é republicanismo puro e da gemma; ali nada ha que tirar: são liberaes a toda a prova. Aqui mesmo entre nós tem havido quem dê elogios a taes homens, e por consequencia a taes cousas; e esses, que taes

elogios tecem, são os nossos republicanos de cá, se é que são republicanos homens, que não tem opinião, e que apenas vivem de resentimentos e sede de mando, moveis que dirigem todas as suas acções: mas elles assim se intitulam. Se fossem os actuaes ministros, ou aquelles que os apoiam, quem tal dissesse ou fizesse, que trovada não iria por ali? Mas, fallem, fallem: isso é permitido. Não cheguem porem á vias de facto, que isso é prohibido pelas leis, e os Brasileiros já não estão para os aturar; já lh'o mostraram em S. Paulo e Minas; e o ministerio não se ha de contentar com proclamações.

#### INCESTO HORROROSO.

O individuo, que dissemos estar preso, por ter deflorado violentamente sua filha, foi pronunciado pela autoridade competente. Diz a filha, que uma noite acordando, achára seu pai na cama, armado com um punhal; que em consequencia disso foi obrigada a ceder, mas que logo na manhã proxima o communicára á algumas pessoas, que declarou. Estas confirmaram esta parte do depoimento. O réo disse em sua defeza, que a accusação era falsa, pois que sua filha dormia em um mesmo quarto com outras, e até de portas fechadas por dentro: e estas chamadas declararam ser falsa a declaração de sua irmã.

Este processo é da maior importancia; cedo o veremos de vêr submittido ao jury, e os debates não podem deixar de interessar vivamente a todo o cidadão honesto, e a todo o pai de familia. A voz publica tem accusado alguns individuos de incestos similhantes: mas até hoje parece nao haver exemplo de pai, que para tao damnados fins se servisse da violencia.

O réo tem contra si uma pessima reputação anterior.

#### AS PREVARICAÇÕES E A FOME DE OURO.

Permitta o *Nacional*, que lhe digamos com toda a urbanidade, de que somos capazes, que em seu n.º 46 commetteu um crime de verdadeira calumnia, alem de muitas outras, que por ali tem assoalhado; mas em fim ha algumas que lá se podem disfarçar, porem ha imputações, que desafiam o maior sangue frio. Diz o collega, que os ministros actuaes só se fazem notaveis por suas prevaricações e fome de ouro. Qual é o ministro que conserva o poder por fome de ouro? qual é o acto que o revela ainda quo mui indirectamente? O collega é obrigado a estabelecer factos positivos, por que a reputação dos ministros é tao sagrada como a dos outros cidadãos; nem elles estão fóra da lei. Venha, venha esse facto, que prove fome de ouro. Asseguramos ao collega, que se fôr capaz de provar um só, il-o-hemos ajudar na causa, que defende, passando-nos para a opposição. Valemos pouco, mas tanto ou mais que o *Nacional*: por consequencia sempre serviremos de alguma cousa.

**OS VENDIDOS.**

O *Nacional* não cessa de chamar vendidos aos periodicos ministeriaes; elle não é vendido. E por que são vendidos aquelles? por que escrevem em favor do ministerio. Ora, perguntamos nós: se se mudassem as cousas, e se formasse um gabinete Limp-o-Otoni, o *Nacional* não seria ministerial? E os escriptores hoje ministeriaes não seriam da opposição? E quem seriam então os vendidos? Collega: estes argumentos não servem; injurias não são argumentos. Se nos chamais vendidos, daes-nos direito a dizer que estaes comprado, ou que o não estaes por que não ha quem vos compre. E que respondereis?

**FORTUNA.**

O Sr. Paula e Sousa é muito feliz: mora hoje no Rio de Janeiro em uma casa muito boa, pelo mesmo preço, por que em 1830 morava em outra mais ordinaria. Isto só ao nobre senador acontece: todos os mais pagam uma differença de mais de 30 por cento nas mesmas casas, em que moravam. Ha homens assim: vieram ao mundo com o pé direito adiante.

**URBANOS.**

O Sr. Limpo quiz estabelecer aqui no Rio de Janeiro uma companhia de homens, cujo officio seria andar gritando pelas ruas, e dava-lhe por nome — urbanos. Dar-se-ha caso que o Sr. Limpo já conhecesse o Sr. Urbano de Pernambuco, e todas as suas propriedades? Se o conhecia, devemos confessar, que o Sr. Limpo tem lembranças felizes; e se o não conhecia devemos admirar a coincidência.

**HISTORIA PEQUENA, MAS APPLICAVEL.**

Conhecemos em uma academia um professor, cujo defeito era tratar muito melhor áquelles estudantes que por qualquer modo o incommodavam, que os outros. Conhecemos estudantes, que receando sahir reprovados, em consequencia de seu nenhum merito litterario, começavam a fallar mal dos lentes, e a contarem mil historias, para depois terem mil cousas, a que attribuirem suas reprovações. Não haverá por ali algum opposicionista com quem aconteça o mesmo? que tendo dado sobejas causas para ser removido, ou privado de seu emprego, queira excitar sympathias, publicando desaguisados, que nem em sua imaginação existem?

**LOGICA.**

O projecto de colonisação actualmente em discussão, tem em vista obstar ao isolamento, em que se acham os nossos lavradores. Mas isto não se consegue em dez nem em vinte annos: logo deve o projecto ser regeitado.

A consequencia, é, por tanto, que o que só tarde se pôde obter, nunca deve ser começado.

Este argumento, e esta logica é do Sr. Galvão, deputado pela Bahia, ex-ministro do imperio.

**EVANGELHO.**

Não tens razão, dizia um sujeito a outro que amargamente se queixava das atrapalhções opposicionistas; a opposição é eminentemente christãa, ella não faz mais do que applicar á risca o — *quis potest capere capiat* — o que traduzido em vulgar quer dizer — quem pôde pilhar, pilhe.

**MUITO PODE O SANGUE.**

Quando abriu a bocca o estabonado Barros do Sergipe, o Boto abria a bocca, arregalava os olhos, admirava-o de alto a baixo, enlevava-se na contemplação do ente maravilhoso, que elle á custa de tanto osforço fez apparecer na camara. Ha quem diga que a primeira vez que o tio ouviu fallar aquelle petulante menino, exclamou embasbacado — Não sei onde foi elle buscar tanta sciencia! *Beatus venter qui te portavit!*

**QUE PRODIGIO!**

O Sr. Urbano fez saber á camara dos deputados, que não podia expender as formulas prescriptas para a desapropriação, por que essa lei faltava na collecção da casa. Que poço de saber, que é o Sr. Urbano! Se a lei estivesse na collecção expenderia elle toda essa theoria! Tinha a paxorra de dizer tudo isso acompanhado dos seus competentes commentarios! Mal sabia quem tirou essa folha, que fazia tão eminente serviço. Se o Sr. Urbano fizesse, o mesmo em todas as outras materias, iamnos empenhar-nos com alguem para que tirasse toda a collecção.

**NOVO MINISTERIO.**

Consta-nos que no senado se tem tratado de uma nova organisação ministerial; a ser logar tal e qual se annuncia, e que muitas probabilidades fazem possível, constará do Sr. Paula e Sousa para a fazenda, visto já saber reduzir dinheiro brasileiro a dinheiro inglez, unico motivo por que em outro tempo não aceitou uma pasta; o Sr. Ferreira de Mello para a Justica, visto ser ecclesiastico, do que hoje dá parabens á sua fortuna, pois para tanto lhe serve; o Sr. Alencar para a guerra, pois ainda que é padre, não é vigario, com quanto seja padre vigario; o Sr. Vergueiro para a marinha visto os seus geitos e tregeitos; o Sr. Lopes Gama para os estrangeiros; a fim de agitar a grão cruz, do que o privou o ministerio passado. Está ainda para dar a pasta do imperio, para a qual ha alguns candidatos, mas parece que terá preferencia o Sr. Costa Ferreira.

Tambem se diz que haverá um primeiro ministro sem pasta, para o que é indigitado o Sr. Feijó.